

PERCEPÇÕES DA REDE FAMILIAR SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA DO ESTUDANTE DEFICIENTE DO ENSINO SUPERIOR

Nathália Dias Pereira Alves Oliveira¹
Universidade Federal de Viçosa

Maria das Dores Saraiva de Loreto²
Universidade Federal de Viçosa

RESUMO

A inclusão somente pode ocorrer de forma efetiva a partir da mudança nas atitudes e nos pensamentos dos grupos que compõem a sociedade, como é o caso do grupo familiar, tido como uma das esferas sociais mais antigas de integração e apoio à pessoa com deficiência. Objetivou-se, neste trabalho, examinar as percepções das famílias sobre a trajetória de vida do estudante deficiente na Universidade Federal de Viçosa - UFV, *Campus Viçosa/MG*, com ênfase em seu processo de acesso e permanência no ambiente universitário. Metodologicamente, a pesquisa foi de natureza qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados a técnica da História Oral, por meio da entrevista narrativa, conjugada com o levantamento bibliográfico. Os dados foram analisados pelo software IRaMuTeQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), e, posteriormente, tratados pela análise de conteúdo. Os resultados, por meio da análise da nuvem de palavras, identificaram cinco categorias de análise, a saber: dificuldade, UFV, conseguir, família e deficiência. Estas foram consideradas determinantes na trajetória de vida dos entrevistados, segundo a percepção da rede familiar. Pôde-se perceber que, num contexto geral, a maior dificuldade que a família encontra é a financeira e, no âmbito da universidade, a dificuldade consiste no deslocamento, uma vez que a acessibilidade ainda não constitui uma condição ideal. Na visão das famílias, reconhece-se que o deficiente convive com inúmeros problemas em função do tipo de deficiência, embora ele tenha conseguido se adaptar, principalmente com o apoio familiar.

Palavras-chave: Percepção; Família; Deficiência.

PERCEPTIONS OF THE FAMILY NETWORK ON THE LIFE TRAJECTORY OF THE DISABLED STUDENT IN HIGHER EDUCATION

ABSTRACT

Inclusion can only occur effectively from the change in attitudes and thoughts of the groups that make up society, such as the family group, considered one of the oldest social spheres of integration and support for people with disabilities. The objective of this work was to examine the perceptions of families about the life trajectory of the disabled student at the Federal University of Viçosa - UFV, *Campus*

¹ Doutoranda e Mestre em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Graduada em Administração pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Administradora da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, Minas Gerais, Brasil. Endereço para correspondência: Av Peter Henry Rolfs, s/n, Divisão de Saúde, campus universitário, Viçosa, Minas Gerais, Brasil, CEP: 36570-900. ORCID <http://orcid.org/0000-0003-0415-4114>. E-mail: nathaliadias@ufv.br.

² Pós-Doutora em Família e Meio Ambiente pela University of Guelph (UOGUELPH). Doutora em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Professora Titular do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, Minas Gerais, Brasil. Endereço para correspondência: Av Peter Henry Rolfs, s/n, Departamento de Economia Doméstica, campus universitário, Viçosa, Minas Gerais, Brasil, CEP: 36570-900. ORCID <http://orcid.org/0000-0001-7418-2669>. E-mail: mdora@ufv.br.

Viçosa/MG, with emphasis on their process of access and permanence in the university environment. Methodologically, the research was qualitative in nature, using the oral history technique as a data collection instrument, through narrative interviews, combined with a bibliographic survey. The data were analyzed by the software IRaMuTeQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires), and subsequently treated by content analysis. The results, through the analysis of the word cloud, identified five categories of analysis, namely: difficulty, UFV, achieve, family and disability. These were considered determinants in the life trajectory of the interviewees, according to the perception of the family network. It was possible to perceive that, in a general context, the biggest difficulty that the family encounters is the financial one and, in the scope of the university, the difficulty consists in the displacement, since the accessibility is not yet an ideal condition. In the view of the families, it is recognized that the disabled live with numerous problems depending on the type of disability, although they have managed to adapt, mainly with family support.

Keywords: Perception; Family; Disability.

PERCEPCIONES DE LA RED FAMILIAR SOBRE LA TRAYECTORIA DE VIDA DEL ESTUDIANTE CON DISCAPACIDAD EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR

RESUMEN

La inclusión sólo puede darse de manera efectiva a partir del cambio de actitudes y pensamientos de los grupos que componen la sociedad, como el grupo familiar, considerado uno de los ámbitos sociales más antiguos de integración y apoyo a las personas con discapacidad. El objetivo de este trabajo fue examinar las percepciones de las familias sobre la trayectoria de vida del estudiante con discapacidad de la Universidad Federal de Viçosa - UFV, Campus Viçosa/MG, con énfasis en su proceso de acceso y permanencia en el ambiente universitario. Metodológicamente, la investigación fue de naturaleza cualitativa, utilizando como instrumento de recolección de datos la técnica de la historia oral, a través de entrevistas narrativas, combinada con levantamiento bibliográfico. Los datos fueron analizados por el software IRaMuTeQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires), y posteriormente tratados por análisis de contenido. Los resultados, a través del análisis de la nube de palabras, identificaron cinco categorías de análisis, a saber: dificultad, UFV, logro, familia y discapacidad. Estos fueron considerados determinantes en la trayectoria de vida de los entrevistados, según la percepción de la red familiar. Se pudo percibir que, en un contexto general, la mayor dificultad que encuentra la familia es la financiera y, en el ámbito de la universidad, la dificultad consiste en el desplazamiento, ya que la accesibilidad aún no es una condición ideal. A juicio de las familias, se reconoce que los discapacitados viven con numerosos problemas según el tipo de discapacidad, aunque han sabido adaptarse, principalmente con el apoyo familiar.

Palabras clave: Percepción. Familia. Deficiencia.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade inclusiva somente será construída de forma efetiva a partir do momento em que ocorrer uma mudança de pensamento das pessoas e em sua própria estrutura social. Porém, tais mudanças só serão desencadeadas após a concreta aceitação por parte da rede familiar, que é o primeiro círculo social em que o deficiente se insere, na condição de pessoa com deficiência. Para Prado (2005), existe a necessidade de um processo de adaptação familiar frente à nova realidade, tendo em

vista que a inserção de um membro com deficiência na família configura um contexto novo, ainda não vivenciado.

Após tal adaptação, a rede familiar torna-se o maior ou um dos maiores apoios encontrados pelo deficiente perante as adversidades experienciadas nos diversos contextos de sua vida. A família é o ambiente mais favorável para a garantia do desenvolvimento e da proteção dos indivíduos que a compõe, mas, conforme afirma Sarti (2004, p. 12), ela “[...] pode ser vista como um mundo de relações”, evidenciando que, para ser considerado membro familiar, não basta apenas ter uma ligação de consanguinidade, mas, sim, estabelecer relações/laços durante sua trajetória de vida.

Cada núcleo familiar possui uma forma de funcionamento específico, caracterizado por meio das relações estabelecidas. Por isso, torna-se importante que cada membro do grupo familiar saiba e cumpra o papel para o qual foi designado. Com relação à estrutura e à forma organizacional de uma família que possui membros com algum tipo de deficiência, Barbosa, Balieiro e Pettengill (2012) afirmam que é necessário repensá-las, tendo em vista que o cuidado com a pessoa deficiente pode exigir atuação constante de pelo menos um de seus membros, a depender do tipo de deficiência.

Além da deficiência por si só ter o poder de impor limitações de diversas naturezas, a pessoa com deficiência é também diariamente desrespeitada pela sociedade de uma forma geral, como, por exemplo, uso indevido por outras pessoas de uma vaga de estacionamento ou de filas preferenciais, a falta de condições mínimas para sua locomoção e outros. Todos esses desrespeitos sofridos ocorrem mesmo havendo o respaldo de legislações próprias que visam a garantir o direito, embora sejam infringidas constantemente. Tais fatos mostram a importância de se ter apoio para superar essas limitações e de se buscar por uma sociedade que tenha cada vez mais características variadas e peculiares, que apresente espaço para todas as pessoas, sem distinções. Isso começa por meio de uma educação de excelência, que prime por trabalhar em prol da diversidade humana.

A inclusão da pessoa com deficiência na esfera educacional é um dos momentos mais importantes no processo de inserção na sociedade que, para Mantoan (1997), constitui-se da obrigatoriedade do cumprimento de garantia prevista na Constituição

Federal, em que todos, independentemente de suas necessidades, tenham o direito a uma educação de excelência.

Para que a inclusão no âmbito educacional se configure como efetiva, é necessário o auxílio de diversos segmentos, dentre eles, a rede de apoio do estudante com deficiência, que se inicia por meio daquelas pessoas que estão mais próximas, ou seja, a família, a qual deve ser declarada como o cerne de maior importância ante a sociedade. Em face do exposto, este artigo almeja examinar as percepções familiares sobre a trajetória da pessoa deficiente até seu acesso no Ensino Superior da Universidade Federal de Viçosa, por meio da política de cotas para deficientes.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O papel da rede de apoio familiar da pessoa com deficiência

A família como protagonista do desenvolvimento da pessoa com deficiência é um assunto abordado por diversos autores, tendo como destaque as discussões que tratam da díade da rede familiar e da educação. Torna-se importante destacar que esse protagonismo da família se apresenta como o agente socializador indispensável no desenvolvimento de qualquer indivíduo, proporcionando-lhe as primeiras experiências emocionais e sua inserção na sociedade.

Como destacam André e Barboza (2018), a instituição familiar é a base do indivíduo, e é por meio das relações estabelecidas nela que se aprende valores morais, culturais e crenças. Seguindo essa linha de raciocínio, Santos e Oliveira (2015) afirmam que a família é a célula fundamental de desenvolvimento e de troca de aprendizados, em que ocorrem processos de vitórias e de derrotas, de saúde e de doença, de alegria e de tristeza.

O ambiente familiar é o primeiro espaço de socialização do indivíduo (Dessen; Polónia, 2007), e é neste espaço que ele recebe dos pais os primeiros estímulos (Silva, 2010). Nesse âmbito, também vale ressaltar que as famílias vêm sofrendo diversas alterações na sua dinâmica e estrutura, em especial, em função do capitalismo mundial, o que resulta em mudanças em seu modelo tradicional de organização (BARBERÁ et al.,

2007), mas não descaracteriza a responsabilidade da rede familiar para com a pessoa com deficiência.

André e Barboza (2018) afirmam que as organizações familiares não se constituem apenas com base na família “nuclear”, mesmo que esse modelo ainda se apresente muito valorizado. Os autores afirmam que, na atualidade, a família é organizada de diversas formas, como, por exemplo, composta por pessoas de mesmo sexo ou por mulheres independentes, que decidiram criar os filhos sem a presença do pai, tidas pela sociedade como “mães solteiras”, dentre outros arranjos (ANDRÉ; BARBOZA, 2018).

Após contato com o primeiro ambiente de desenvolvimento e aprendizagem, qual seja, a rede familiar, o indivíduo irá deparar-se com o ambiente escolar, o qual, para Lazzaretti e Freitas (2016, p. 4), “é uma instituição que complementa a família e juntas tornam-se lugares propícios para o desenvolvimento de seus filhos e alunos”. Nesse ínterim, a busca pela compreensão do processo de desenvolvimento educacional da pessoa com deficiência, desde seu acesso aos estudos, perpassando pela permanência até a conclusão deles, concentra-se tanto no apoio familiar quanto no contexto institucional e suas conexões mútuas. Dessen e Polonia (2007) afirmam que as instituições de ensino e a família são espaços que proporcionam o desenvolvimento e a aprendizagem, e ambas podem interferir de forma positiva ou negativa na vida da pessoa com deficiência.

Para Silva e Mendes (2008), é papel da família, além de reconhecer as necessidades da pessoa com deficiência, dedicar-se à busca pela promoção de seu desenvolvimento, dentro das suas possibilidades. Com base nesta afirmativa, pode-se inferir que a rede familiar é quem primeiro proporciona os mecanismos de suporte à pessoa com deficiência, seja no âmbito emocional ou material, além de exercer um papel decisivo no que tange ao processo de acesso e permanência do indivíduo na esfera educacional.

3 METODOLOGIA

3.1 Caracterização e técnicas de coleta e de análise dos dados da pesquisa

Buscando atingir o objetivo proposto, este trabalho configurou-se como sendo de natureza qualitativa que, segundo González Rey (2002), apresenta uma visão em que o pesquisador e o pesquisado estão em efetiva evolução, levando em conta não apenas o que o sujeito diz, mas o sentido dessa fala. Para Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa compreende-se do ato de adquirir dados descritivos relacionados diretamente ao fato pesquisado e também por meio de uma maior atenção e ênfase nas perspectivas dos sujeitos envolvidos.

Segundo Alves (2016), ao escolher trabalhar com métodos de História Oral, não se deve abrir mão de outros métodos, buscando assim um diálogo entre procedimentos diferentes. Nesse sentido, esta pesquisa utilizou-se de dois métodos diversificados, sendo eles o de levantamento ou pesquisa bibliográfica e a História Oral. A realização do levantamento bibliográfico teve como perspectiva fazer uma investigação em material teórico buscando, assim, “o domínio do estado da arte sobre determinado tema” (CERVO; BREVIAN; SILVA, 2007, p. 61).

Já a metodologia da História Oral teve o objetivo de realizar a reconstrução da memória³ de um membro familiar do estudante deficiente acerca de sua evolução da vida escolar até o acesso à universidade, buscando, desse modo, “ouvir e registrar as vozes dos sujeitos” (ALVES, 2016, p. 3). Segundo Meihy (1996), a História Oral possui três modalidades, sendo elas: história oral de vida, história oral temática e tradição oral. Nesta pesquisa, a escolhida é a primeira vertente, a qual, segundo o autor, dá ao entrevistado uma maior autonomia para discorrer da maneira que se sinta mais confortável sobre sua experiência acerca da temática proposta, podendo assim ordenar, de acordo com sua vontade, a história a ser relatada.

Freitas (2002) afirma que a História Oral permite a sua integração com outras fontes, como as escritas, que também foram utilizadas por meio da realização de

³ Segundo Bosi (1995), a memória pode ser compreendida como um processo que demanda do indivíduo que recorda uma recuperação do que foi vivenciado, desde o passado até o presente momento.

levantamento bibliográfico que, segundo Oliveira (2007), tem como principal finalidade oportunizar aos pesquisadores o contato direto com documentos e materiais de cunho científico que abordem a temática em estudo.

A técnica de coleta de dados utilizada nesta pesquisa foi a entrevista narrativa, que objetivou coletar depoimentos acerca da história de vida do estudante deficiente, narrada por seu membro familiar, o qual retoma o passado e descreve a trajetória de vida do deficiente até a sua inserção no Ensino Superior. Segundo Ravagnoli (2018), a entrevista narrativa é direcionada por uma questão central que encoraja a narração espontânea do entrevistado acerca do tema.

A exploração dos dados ocorreu por meio da Análise de Conteúdo que, segundo Godoy (1995), com base nos estudos de Bardin, consiste em um conjunto de procedimentos metodológicos que pode ser empregado em todos os tipos de discursos e nos diversos formatos de comunicação. Essa análise foi utilizada nesta pesquisa de forma a possibilitar, por meio das entrevistas realizadas (*corpus textual*), a apresentação da trajetória de vida do estudante deficiente, sob a perspectiva da sua família. Também foi utilizado o software IRaMuTeQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), que possibilitou a realização da análise da Nuvem de Palavras (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Torna-se importante destacar que, em consequência do cenário mundial vivido na atualidade, em função da pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19), tornou-se necessária a reestruturação da proposta metodológica desta pesquisa, que necessitou realizar as entrevistas narrativas de forma remota.

3.2 Participantes da pesquisa

Esta pesquisa contou com a participação de seis entrevistadas, que manifestaram interesse em colaborar para a discussão. Como as análises e discussões deste trabalho se basearam em informações coletadas por meio das entrevistas (*corpus textual*), foi indispensável descrever algumas características dos participantes, conforme Quadro 1, adiante:

Quadro 1 – Descrição dos participantes

Entrevistada	Sexo	Idade	Profissão	Vínculo com o estudante	Tipo de deficiência do estudante
F1	F	58	Professora	Mãe	Física
F2	F	58	Professora	Mãe	Múltipla (Auditiva/Visual)
F3	F	49	Do lar	Mãe	Visual
F4	F	61	Professora	Tia	Auditiva
F5	F	64	Auxiliar de saúde	Mãe	Física
F6	F	57	Do lar	Mãe	Auditiva

Fonte: Baseado em dados das entrevistas, elaborado pela autora.

Segundo Fiorentini e Lorenzato (2009), com o propósito de resguardar a identidade dos participantes, o pesquisador deve omitir os verdadeiros nomes, usando pseudônimos que podem ser escolhidos pelo entrevistador/pesquisador ou pelos entrevistados/participantes da pesquisa. Dessa forma, foram adotados, para a realização deste estudo, por sugestão da pesquisadora, os pseudônimos descritos na primeira coluna do Quadro 1.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

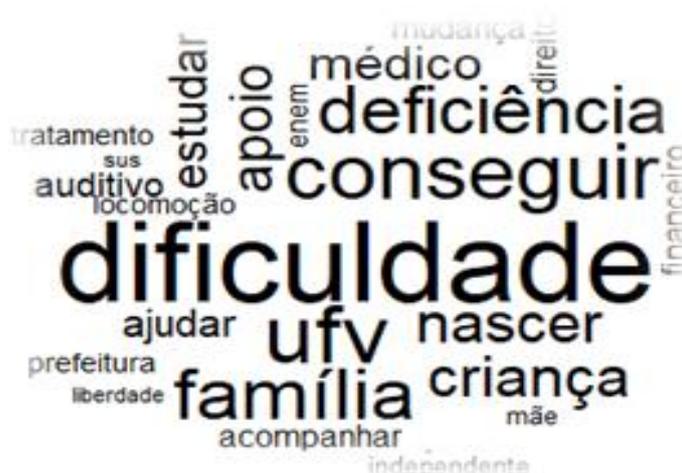
Embora os resultados e discussão deste trabalho tenham sido apresentados em duas etapas distintas, estas apresentam-se como complementares, uma vez que a primeira buscou representar, de forma gráfica, por meio da Nuvem de Palavras gerada com o auxílio do *software* IRaMuTeQ, a frequência com que as palavras apareceram na análise do *corpus* textual (entrevistas). Como resultado dessa análise, foi possível identificar, na percepção das famílias, os elementos-chave que resultaram nas categorias de análise referentes à trajetória de vida do estudante deficiente. Estas categorias subsidiaram as discussões da segunda etapa, proporcionando, assim, a possibilidade da análise de conteúdo do *corpus* textual pesquisado a partir das categorias de análise estabelecidas pela Nuvem de Palavras.

4.1 A Nuvem de Palavras

A Nuvem de Palavras, apresentada na Figura 1 a seguir, consiste no resultado da análise das entrevistas realizadas, que buscaram examinar a trajetória histórica do

estudante deficiente sob a ótica da sua rede de apoio (a familiar/entrevistada) no que tange ao seu desenvolvimento – desde que nasceu ou tenha adquirido a deficiência até o presente momento, ou seja, no contexto atual estudantil. Tal análise foi utilizada neste estudo com a perspectiva de ilustrar visualmente as palavras mais evocadas nas entrevistas, além de apontar as categorias de análise a serem discutidas posteriormente. É importante destacar que o tamanho de cada palavra na Nuvem aponta sua periodicidade de uso, adotado como proxy da importância de determinada expressão no conjunto dos textos (SURVEYGIZMO, 2012).

Figura 1 – Nuvem de palavras representativa do corpus textual pesquisado



Fonte: Dados das entrevistas, analisados pelo software IRaMuTeQ, 2021.

Como pode ser visualizado na Figura 1, destacaram-se de forma mais evidente as palavras DIFICULDADE, UFV, CONSEGUIR, FAMÍLIA e DEFICIÊNCIA, sendo tais termos utilizados neste estudo como as categorias norteadoras da análise de conteúdo do corpus textual pesquisado (trajetória de vida do estudante deficiente), tendo em vista a necessidade de se entender o significado dessas expressões ante seus contextos. No Quadro 2, abaixo apresentado, estão dispostas as palavras (categorias de análise), bem como os sentidos considerados mais importantes que cada uma traz, de acordo com o conteúdo das entrevistas.

Quadro 2 – As categorias de análise e sua relação com o conteúdo das entrevistas

Ordem de evocação	Categorias	Perspectivas
1°	Dificuldade	<ul style="list-style-type: none"> ↪ relacionada à locomoção (de ir de um lugar para outro e de conseguir se mover/andar); ↪ relacionada à questão financeira; ↪ de conteúdo básico (Ensinos Fundamental e/ou Médio); ↪ relacionada à falta de suporte no contexto estudantil para com os deficientes visuais e auditivos (por ex.: não consegue acompanhar a aula por não enxergar e ouvir bem os conteúdos dados em sala de aula); ↪ relacionada à falta de suporte no contexto estudantil para com o deficiente físico (falta de acessibilidade arquitetônica e urbanística no <i>campus</i> e a espaços indispensáveis, como a sala de aula e o restaurante universitário); ↪ relacionada à comunicação.
2°	UFV	<ul style="list-style-type: none"> ↪ relacionada a sentimentos como de vitória, alegria, conquista, apreensão etc.; ↪ relacionada a questões de meio de transporte interno na instituição; ↪ relacionada à independência acadêmica da pessoa com deficiência; ↪ relacionada à possibilidade de disciplinas não presenciais para os estudantes com deficiência (EAD).
3°	Conseguir	<ul style="list-style-type: none"> ↪ relacionada à superação de obstáculos/barreiras impostas pela deficiência; ↪ relacionada ao acesso a serviços de saúde; ↪ relacionada ao apoio para a permanência da pessoa com deficiência no âmbito acadêmico.
4°	Família	<ul style="list-style-type: none"> ↪ relacionada a uma maior fonte de apoio para o desenvolvimento da pessoa com deficiência; ↪ relacionada à mudança na rotina frente ao acesso e a permanência do estudante deficiente na esfera da universidade.
5°	Deficiência	<ul style="list-style-type: none"> ↪ relacionada ao estabelecimento de um maior vínculo com o deficiente.

Fonte: Dados retirados das entrevistas, adaptado pela autora.

Dessa maneira, as categorias de análise citadas no Quadro 2 foram utilizadas na perspectiva de correlacionar estes indicadores com o conteúdo das entrevistas, de modo a aprofundar as discussões, que têm por objetivo compreender o ponto de vista do membro familiar acerca da temática abordada.

4.2 A análise de conteúdo das entrevistas de acordo com as categorias de análise

As análises de conteúdo das entrevistas foram apresentadas em consonância com as categorias mais evocadas na análise da Nuvem de Palavras realizada pelo software IRaMuTeQ. São elas: Dificuldade, UFV, Conseguir, Família e Deficiência.

4.2.1 As Dificuldades

O percurso histórico de vida da pessoa com deficiência no Brasil e no mundo “[...] foi assinalado por uma fase inicial de eliminação e de exclusão, deixando à margem da sociedade esse segmento” (PEREIRA; SARAIVA, 2017, p. 177), o que culminou num processo de inclusão permeado de percalços, tanto para a esfera familiar quanto para o âmbito social.

Pode-se observar que a palavra dificuldade, citada ao longo das entrevistas realizadas, trouxe significados diversificados, de acordo com a ótica do membro de cada rede de apoio familiar. Os significados são abordados conforme apontado no Quadro 2 e relatado abaixo.

Locomoção

[...] aí eu vim para cá, eles vieram comigo aqui umas 3 vezes para procurar casa, a minha irmã veio comigo aqui me trazer para procurar casa, aí com muita dificuldade, um dia nós achamos uma casa [...] eu deixei claro na imobiliária que eu queria uma casa, que eu precisava de uma casa onde tivesse ponto de ônibus perto e a gente não conseguia encontrar, a gente achava a casa só no morro aonde não tinha condição dele subir o morro e descer para pegar o ônibus (F5);

[...] e ele tem dificuldade para andar, ele chega atrasado nos prédios onde ele tem que ir, então eu acho que dentro da UFV devia ter transporte para uns casos desses (F5);

[...] tem as amigas dela que ajuda, mas ainda tem uma certa dificuldade, ainda para essa locomoção de ficar dependendo de alguém para ficar carregando a Alice de um lugar para o outro como ela não tem cadeira motorizada não tem como ela ir sozinha (F1);

[...] e tem também a questão de locomoção que é uma coisa que atrapalha, e que poderia ser mais fácil, de fácil acesso [...] esse ano nós iríamos saber melhor porque tinha uma proposta de ser sanado um pouco dessas dificuldades (F1);

[...] quando foi com 3 anos de idade, ele ainda não andava aí, eu já tinha perdido minhas esperanças, achava que ele não ia andar mais, então [...] o médico fez a cirurgia no tendão e ele ficou com a perna engessada, com as duas pernas engessadas até na cintura. Ficou engessado um mês e com muita dificuldade, mas ele era uma criança muito alegre (F5);

Eu não tenho vontade de sair de casa sem ele, e ele, pela dificuldade que ele tem, ele não sai, ele não tem amizade, ele não sai igual jovens da idade dele... Só fica dentro de casa, só fica no computador, eu que tenho que sair para resolver tudo, então a gente leva a vida assim (F5);

Financeiro

[...] as principais dificuldades que a gente tem e que a gente vive no dia a dia é a questão do transporte mesmo e questões financeiras porque é só o meu salário para nos manter e ele não tem ajuda nenhuma e para se manter aqui em Viçosa é difícil [...] a principal dificuldade é essa, é a dificuldade financeira, tem dia que a gente tem que pagar um meio de transporte (táxi/Livre) para levar ele para a UFV [...] para ele não chegar atrasado na UFV, às vezes, lá, ele tem que pegar um meio de transporte para vir embora pra casa porque ficar tarde e não aparece ônibus. Então, essas são as dificuldades maiores que a gente tem (F5);

A maior dificuldade encontrada hoje é a financeira, porque ela sempre foi assistida por especialistas do SUS e, se eu tivesse condição, eu já teria procurado fazer todo o acompanhamento dela particular, para ter certeza se essa perda auditiva é irreversível (F4);

As questões financeiras são mais complicadas, porque, pelo que eu trabalho e pelo que se ganha, pelo que se arrecada, não vou dizer que agora nós passamos muita dificuldade, mas nós já passamos no início em Viçosa (F1);

Conteúdo (Ensinos Fundamental e/ou Médio)

[...] devido esses transtornos que ele tem, essas dificuldades que ele tem [...] ele não tinha assim, um preparo porque a escola pública é uma escola muito fraca. Ele não tinha conhecimento de matemática. A matemática dele era fraquíssima e ele começou e não conseguiu acompanhar turma, e ele entrou em depressão e teve que trancar a matrícula por um período e fazer acompanhamento com psiquiatra e psicólogo (F5);

Ele sempre precisou de ajuda na escola, pois não dava conta de acompanhar as atividades e tinha dificuldades porque não enxergava o quadro muito bem, ele sempre trazia quase tudo para fazer em casa e eu ajudava ele (F3);

Falta de suporte estudantil para com os deficientes visuais e auditivos

Mas graças a Deus, apesar de toda dificuldade, ela está conseguindo levar o curso a diante. A gente percebe que ela já está tendo um grande apoio, só que no contexto atual, ela está tendo dificuldade para assistir as vídeoaulas, seria bom, não só pra ela, mas pra todas as pessoas estudantes portadoras de deficiência auditiva, legendas nas vídeo aulas, principalmente nas aulas daqueles professores que têm um timbre de voz mais baixo (F4);

Como já falei, o meu filho sempre foi muito independente, então, a família não o apoiou da devida maneira na sua vida estudantil. Acho que porque ele é muito independente, sempre foi, então achava que não precisava de tanta ajuda, mas deveríamos ter nos atentados mais nas suas dificuldades na vida estudantil [...], mas já vi que ele tem algumas dificuldades no conteúdo em sala de aula, então a minha sugestão para reduzir essa dificuldade que falei, é ele ter um apoio maior em relação aos conteúdos ministrados, que sejam adaptados de acordo com as dificuldades (F6);

Falta de suporte estudantil para com os deficientes físicos

[...] ele tem a carteirinha para alimentar no restaurante da UFV, mas ele não consegue porque a fila é muito grande, porque é muito cheio dentro do restaurante e ele tem dificuldade até para servir um prato de comida (F5);

Comunicação

Na família, a maior dificuldade que temos é a comunicação, pois a deficiência auditiva atrapalha muito (F2).

Nos trechos acima, pode-se perceber que as dificuldades narradas acerca da trajetória histórica da pessoa com deficiência estão relacionadas às questões: locomoção; financeiro; de aprendizado de conteúdo do Ensino Fundamental e/ou Médio; apoio específico às deficiências auditiva e visual no âmbito acadêmico, relacionado à forma como os conteúdos são ministrados; falta de apoio ao deficiente físico no âmbito da acessibilidade arquitetônica e urbanística; e comunicação. Essas dificuldades podem ser dirimidas se houver um esforço coletivo que envolva, além da pessoa deficiente, a família e a instituição, uma vez que a família tem o papel de oferecer os aportes afetivos e materiais necessários para o desenvolvimento e o bem estar de seus membros, e que a escola, por sua vez, tem o papel de ofertar acesso à socialização e a uma arena que pode proporcionar conflitos, esperanças, limites, dificuldades e possibilidades sociais (BARBERÁ et al., 2007).

Os trechos das entrevistas abordam as dificuldades de locomoção em duas vertentes diferentes, sendo uma ligada às dificuldades que o deficiente possui para andar, e outra ligada às dificuldades que este sujeito vivencia em relação ao seu deslocamento. As limitações impostas pela deficiência que ocasionam dificuldades de andar estão ligadas à deficiência física e apontam que, mesmo com todo apoio da família no que concerne ao deslocamento para a universidade, a estrutura urbanística da UFV ainda não é completamente adequada para as necessidades diversas desses estudantes. Essas dificuldades são concretas e criam barreiras, uma vez que elas são inerentes à condição do estudante deficiente.

Já quanto às dificuldades relacionadas ao deslocamento de um espaço para outro, foi possível verificar que estão inseridas em dois contextos, sendo o primeiro relacionado ao deslocamento do estudante de sua residência para a universidade, o qual está diretamente ligado à falta de recursos financeiros da família para aquisição de veículo próprio, conforme ressaltado em um trecho da entrevista da participante F1. Este fato resulta na necessidade de se usar transporte coletivo, táxi ou aplicativo de transporte, quando não demanda um esforço acentuado do estudante para realização

do deslocamento a pé. Num segundo cenário, o deslocamento do estudante deficiente está relacionado ao âmbito acadêmico, isto é, aquele que ocorre dentro do *campus* universitário, de um prédio para outro. Essa dificuldade foi destacada pelas entrevistadas F1 e F5 em suas falas, evidenciando que este aspecto tem se tornado uma barreira para os estudantes, principalmente para aqueles que possuem deficiência física. A universidade não oferece nenhum tipo de auxílio para os estudantes no âmbito do transporte (interno ou externo), embora essa ajuda seja muito almejada pelos deficientes, segundo relatos familiares.

A dificuldade financeira está inserida no contexto da maioria das famílias brasileiras e, segundo Mito (1997), pode se expressar por meio de diversas situações vivenciadas, visto que as famílias não encontram alternativas para assegurar as necessidades mínimas de seu grupo. As dificuldades financeiras expressas nas falas das entrevistadas F1, F4 e F5 remetem às dificuldades de manutenção de necessidades básicas, tais como: moradia, transporte, alimentação e assistência de saúde de melhor qualidade para a pessoa com deficiência. A problemática relacionada à baixa renda da família perpassa, dentre outras esferas, pela questão de gênero, uma vez que todas as pessoas entrevistadas são do sexo feminino. Segundo Araújo e Mourão (2007), esse tipo de dificuldade vivenciado pelas mulheres é, muitas vezes, uma discriminação velada e que se apresenta de forma diversificada, como a diferença de remuneração para função similar à desempenhada por homens, a diferença no acesso e na manutenção no emprego e a diferença de oportunidades de crescimento e formação profissional, dentre outras.

Outrossim, percebe-se que o desempenho, a estrutura e a qualidade do Ensino Fundamental e/ou Médio também legam dificuldades aos estudantes de graduação, sendo esses deficientes ou não. Essas dificuldades são um dos motivos que levam esses estudantes ao processo de evadirem-se do Ensino Superior, caso o atinjam, ou mesmo antes do processo de conclusão da Educação Básica (FERNANDES; SANTOS, 2016). As dificuldades de aprendizagem no âmbito do Ensino Fundamental e/ou Médio acentuam-se quando se trata de pessoas que possuem deficiência, pois os investimentos governamentais são muito menores do que o necessário para a Educação Especial, seja

no âmbito estrutural das escolas ou no âmbito pedagógico, o que afeta o ensino e a aprendizagem desse público, conforme relatado pelas entrevistadas F3 e F5. Segundo Braga (2012), as dificuldades encontradas no contexto escolar vão desde estruturas físicas ruins até a falta de formação de professores para lidar com pessoas com necessidades especiais nas escolas comuns.

Sabe-se que existem também aquelas dificuldades de aprendizagem dos conteúdos no âmbito do Ensino Superior, as quais, muitas das vezes, estão relacionadas com aos recursos utilizados pelos professores para abordar os conteúdos. Pode-se observar que tais dificuldades foram relatadas pelas entrevistadas F3, F4 e F6, membros familiares de estudantes com deficiências auditiva, visual e múltipla (auditiva/visual), o que nos leva a inferir que tais tipologias de deficiência, no âmbito educacional, carecem de formas diferenciadas de ensino, em que poderia ocorrer a utilização de diversificados recursos de comunicação na busca por permitir a efetiva inclusão do deficiente, sem que haja prejuízo de aprendizagem para os demais alunos. Nesta perspectiva, Sadalla et al. afirmam que “as práticas escolares inclusivas não implicam em um ensino adaptado para alguns alunos, mas sim, um ensino diferente para todos” (SADALLA et al., 2018, p. 33).

A Universidade Federal de Viçosa possui, dentre seus diversos setores, a Unidade de Políticas Inclusivas (UPI), que visa a ofertar, de forma mais imediata, apoio aos estudantes com algum tipo de deficiência. Esse apoio se dá por meio da oferta de recursos diversos, como provas ampliadas, intérprete de LIBRAS, textos em braille, dentre outros, na perspectiva de que a instituição forneça a seus estudantes deficientes a possibilidade de uma inclusão mais equânime. Com relação ao suporte imediato como o realizado pela UPI, Bolívar (2005) afirma que tal situação ocorre quando há necessidade de uma distribuição desproporcional dos meios, buscando beneficiar os mais desprotegidos, inserindo de maneira imediata a questão da justiça social.

O amparo no processo de superação das barreiras urbanísticas e arquitetônicas tende a trazer mais autonomia, ou seja, acessibilidade para todos os estudantes deficientes, independentemente da tipologia da mesma. A “acessibilidade”, segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), por meio da norma NRB 9050, pode ser entendida como a “possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento

para a utilização com segurança e autonomia de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos” (ABNT, 2004, p. 2). Nas entrevistas, foram observados relatos sobre as dificuldades existentes em relação à locomoção dos estudantes com deficiência física que, muitas vezes, ocorrem por falta de estruturas adequadas para atender à necessidade de locomoção do deficiente, sendo essa uma necessidade elementar, que gera autonomia.

Nesse contexto, a entrevistada F5 apontou que, além das dificuldades de se locomover, seu filho enfrenta uma barreira arquitetônica que o limita de forma a não conseguir alimentar-se no Restaurante Universitário, uma vez que o horário de alimentação para todos os estudantes é concomitante, o que leva o espaço físico do Restaurante Universitário a ficar muito cheio, não oferecendo condições de o estudante locomover-se para se servir.

Em todos os âmbitos da vida do ser humano, a comunicação é fundamental, pois é através dela que se torna viável saber o que se passa com determinado indivíduo, buscando assim poder auxiliar no necessário. Essa comunicação inicia-se no primeiro grupo social em que o indivíduo é inserido, ou seja, na esfera familiar que, segundo Lasch (1991), é a principal fonte de socialização e que tem por objetivo ensinar os padrões e normas apropriados ao indivíduo na perspectiva de que ele as reproduza em suas relações sociais.

A entrevistada F2, que é mãe do estudante com deficiência múltipla, relatou que, de uma forma geral, a família possui muita dificuldade no processo de comunicação com o estudante. Tal fato aponta que a falta de comunicação se torna mais uma barreira a ser enfrentada pelo deficiente, tendo em vista que, muitas vezes, esses “ruídos” que ocorrem na comunicação interferem significativamente no apoio da família ao deficiente.

Os significados dados à palavra dificuldade originários das entrevistas mostram que são diversas as vertentes. A palavra dificuldade, no contexto das entrevistas, aponta para significados diferentes, que podem advir de desconhecimento dos direitos, da pouca capacitação profissional das redes de apoio, do não cumprimento do estabelecido em leis, da condição socioeconômica da pessoa com deficiência e também

da família, dentre outras possibilidades. Por isso, é necessária uma vigilância permanente quanto às dificuldades que surgem, buscando dirimi-las antes de se tornarem barreiras efetivamente impostas.

4.2.2 A Universidade Federal de Viçosa (UFV)

A palavra UFV foi a segunda mais evocada nas entrevistas realizadas e aparece relacionada a questões como: sentimentos de vitória, alegria e conquista, bem como a apreensão, dentre outros, com a inserção do deficiente no Ensino Superior. Também se correlaciona ao fornecimento de meio de transporte para os deficientes dentro do *campus* universitário, à possibilidade de independência acadêmica que a instituição ajuda a promover e à sugestão de oferta de disciplinas não presenciais, na modalidade EAD, para estudantes deficientes vinculados à instituição. A seguir, é possível verificar as falas das entrevistadas e o contexto em que cada uma está inserida.

Sentimentos

Quanto à entrada numa universidade, a entrada dela na UFV a gente sabe que é uma vitória, é um agradecimento que tem que se fazer a Deus (F1);

Quando ele foi para UFV foi uma emoção muito grande. Eu não esperava que ele iria tão longe. Demorei uma semana para acreditar que ele estava na UFV (F3);

O ingresso dela na UFV foi motivo de muita alegria, mas também de muita apreensão, com medo dela não conseguir acompanhar (F4);

Ver ele entrar na UFV foi uma conquista para toda família, foi motivo de muita alegria (F6);

Transporte dentro da instituição

[...] esse ano (2020) [...] tinha uma proposta de ser sanado um pouco dessas dificuldades, aí nós saberíamos direito se iria funcionar como estava previsto (F1);

As sugestões que eu tenho para ajudar nesse processo é que o transporte dentro da UFV pelo menos por ser distante um local do outro, e ele tem dificuldade para andar, ele chega atrasado nos prédios onde ele tem que ir, então eu acho que dentro da UFV devia ter transporte para uns casos desses, para ele não atrasar de uma aula para outra (F5);

Independência

[...] a entrada dele na UFV mudou a minha forma de ver o meu filho, pois ele está mais independente porque agora ele não depende de mim para ajudar nas questões escolares nem para ir até a UFV (F3);

Ensino EAD

Nesse período agora de COVID, que eles estão tendo que fazer as aulas da UFV remotas, foi um período muito bom para ele, porque ele fica acomodado em casa, no computador dele. Ele tem horário para ele poder estudar [...] Ele não tem que está andando de um lugar para o outro, para poder conseguir acompanhar a turma, então ele foi muito bem, ele se sobressaiu, ele foi aprovado nas matérias que ele fez, foi muito bom para ele. Até uma sugestão que quero dar é que devia ter, na UFV, é que eles deviam fazer para esses deficientes, principalmente deficientes físicos, umas aulas que fossem *online* porque é muito mais fácil. A UFV devia de colocar assim, um curso *online* para ser optativo, a pessoa que quiser faz de casa, quem não tiver dificuldade aí pode ir na UFV normalmente (F5).

Segundo Mascarenhas e Roazzi (2015), o êxito e a evolução pessoal do indivíduo, em sentido abrangente é muito instigado pelas relações familiares, o que acaba refletindo nos sentimentos vivenciados pelos mesmos com a inserção do deficiente no Ensino Superior, conforme relatos das entrevistadas F1, F3, F4 e F6. Dentre os sentimentos vivenciados, estão os de vitória, gratidão, alegria e conquista, e também o de apreensão.

Os sentimentos bons vivenciados pela família apontaram para o quanto o grupo familiar do estudante deficiente está envolvido no processo de apoio e na busca pela realização de seus sonhos – em particular, no âmbito educacional. A esse respeito, Nogueira (2010) afirma que o êxito de muitos estudantes nas universidades é fruto da presença da família.

Já o sentimento de apreensão, citado pela entrevistada F4, conduz a uma reflexão acerca das barreiras que os estudantes deficientes vivenciam dentro do contexto institucional e a insegurança que esse fato gera na família, uma vez que a falta de adequações metodológicas, tecnológicas, estruturais, dentre outras, podem impactar de forma negativa no desenvolvimento acadêmico e, conseqüentemente, psicológico do estudante deficiente. Castro e Piccinini (2004) afirmam que é complicado para o cuidador passar a ver a pessoa com deficiência como sendo independente, pois, para a família, o deficiente não será capaz de se defender, de aprender ou de se interagir sem o auxílio de alguém.

Durante a realização das entrevistas, foi possível verificar uma inquietação grande por parte das entrevistadas no que se refere à locomoção dos estudantes

deficientes no âmbito na universidade. Acredita-se que isso se dá em função do *campus* universitário possuir uma área física total de 2.353,94 ha (UFV, 2021), o que aponta para a necessidade de deslocamentos mais expressivos em determinados casos, para que o estudante deficiente possa acompanhar as diversas atividades a serem desenvolvidas por ele na esfera do ensino, da pesquisa e da extensão. Esta circunstância se torna, em determinadas deficiências, uma forte barreira.

As sugestões vistas nas entrevistas são baseadas na proposta de fornecimento, por parte da instituição, de um meio de transporte para os deficientes dentro do *campus* universitário, na busca de dar apoio aos referidos estudantes no contexto do deslocamento. A entrevistada F1 relatou que já existe uma discussão no âmbito da instituição acerca da implementação de um transporte para auxiliar os deficientes que necessitam, mas, tendo em vista que as aulas estão acontecendo de forma remota em função da pandemia do Novo Coronavírus (Covid-19), tais discussões foram suspensas.

Cabe destacar que o fato narrado pela entrevistada F3, no que tange à independência do filho deficiente após inserir-se no Ensino Superior, ocorre em função de que cada pessoa carrega consigo uma história. Muitas vezes, essa condição de autonomia e independência é respaldada por suas atitudes frente às adversidades vivenciadas, ou atitudes da família, ou, até mesmo, pela perda de parte da família (MASCARENHAS; GUTIERREZ, 2011), fazendo com que o deficiente passe a conviver e a experimentar situações numa esfera mais abrangente, como a da universidade.

Para alguns pais, a independência de um filho deficiente é vista como resultado de um processo de evolução e amadurecimento tanto da família como do indivíduo, o que traz ao grupo familiar segurança e certeza de que todo cuidado e ensinamento empreendidos à pessoa com deficiência resultaram em bons frutos. Já para outros tipos de pais, essa independência é vista como motivo de medo e insegurança, pois a deficiência de um filho tende a fazer com que a família o veja e o trate como incapaz, não acreditando no seu potencial, levando todos a viverem em constante insegurança com relação ao futuro daquele sujeito.

A Universidade Federal de Viçosa, assim como as demais instituições de Ensino Superior, particulares e públicas em nível nacional e, possivelmente, as de nível

internacional, vivenciam desde o início do ano de 2020 uma situação atípica em função da pandemia mundial do Novo Coronavírus (Covid-19). Tal fato levou as instituições a terem que conduzir o ensino de forma remota, ou seja, a ofertarem ensino na modalidade à distância, que “tem como características a separação física entre alunos e professores, com suportes realizados por tutores, permitindo ao aluno desenvolver o aprendizado de forma independente e flexível” (FURTADO et al., 2008, p. 2).

Para a entrevistada F5, seu filho se beneficiou dessa modalidade de ensino à distância, pois essa modalidade proporcionou a ele uma forma mais igualitária de realização de todas as atividades de sua rotina, que envolve desde questões acadêmicas, como aulas, até questões de necessidade básica, como alimentação. Furtado et al. (2008) destacam que o ensino à distância é considerado para os estudantes sem deficiência como sendo de extrema utilidade, ao passo que, para os com deficiência, tornou-se um instrumento importante no processo de evolução e alcance do aprendizado.

4.2.3 O Ato de conseguir

Segundo Aurélio (2002), a etimologia da palavra conseguir baseia-se em tentar obter algo com esforço ou habilidade; alcançar um objetivo com sucesso; e ter capacidade para realizar algo. A ocorrência de repetição da palavra conseguir e de suas derivações nas entrevistas foi relativamente expressiva e, conforme citado acima, encaixa-se em contextos diversificados, o que pode ser observado abaixo nos trechos das entrevistas.

Superar obstáculos/barreiras

[...] e ela sempre quis fazer veterinária, ela não aceitava outro curso. Ela já conseguiu passar duas vezes em outros cursos e, pela terceira vez, ela falou que se não fizesse veterinária, ela não queria fazer mais nada. Foi aí então que, devido à criação, graças a Deus, pela persistência dela, nós fomos parar em Viçosa porque ela sempre soube o que quis (F1);

O ingresso dela na UFV foi motivo de muita alegria, mas também de muita apreensão, com medo dela não conseguir acompanhar e pelo fato dela ter também outra doença preexistente, que às vezes a deixa com muitas dores, dificultando a sua locomoção (F4);

[...] e eu pedi o pai dele para fazer um em casa, para cortar um bambu e fazer um apoio para ele andar, uns 10 metros de apoio, eu pedi para o pai dele fazer para ele, para ver se ele conseguia andar, e foi aí que ele começou a andar com 3 anos e meio. Aí a gente continuou com a fisioterapia (F5);

Acesso a serviços de saúde

Durante a infância, foram muitas lutas para conseguir os tratamentos a partir de quando reconheci que meu filho começou a ter deficiência (F2);

[...] a gente tinha que sair 2 horas da manhã porque ia junto com os outros pacientes [...] e aí a gente ficava lá até o horário da consulta e a consulta atrasava e quando a gente conseguir consultar já era três ou quatro horas da tarde, aí gente saía de Belo Horizonte umas cinco horas da tarde e chegava em casa umas 2 horas da manhã (F5);

Às vezes acontecia de o meio de transporte quebrar e eu tinha que pegar um meio de transporte particular e ir para Belo Horizonte para não perder a consulta, porque a consulta era muito difícil de conseguir marcar, a gente marcava consulta com 6 meses de antecedência (F5);

Apoio à permanência nos estudos

Ele sempre precisou de ajuda na escola, pois não dava conta de acompanhar as atividades [...] até o quinto ano, eu consegui ajudar, depois eu tive que buscar ajuda, pois eu não conseguia mais auxiliar no conteúdo das matérias (F3);

Ele começou na UFV e foi muito difícil. Ele não tinha, assim, um preparo... porque a escola pública é uma escola muito fraca [...] e ele começou e não conseguiu acompanhar turma e ele entrou em depressão e ele teve que trancar a matrícula por um período e fazer acompanhamento com psiquiatra e psicólogo. E, com o tempo, ele foi superando essas questões psicológicas e ele hoje está bem (F5).

O ato de conseguir superar um obstáculo/barreira é de extrema importância e de grande satisfação para todos os seres humanos, mas, em especial para a pessoa com deficiência, que sofre em seu cotidiano com estigmas e descasos que, muitas vezes, ocorrem de forma velada ou até mesmo de forma aparente. Guerra et al. (2015, p. 463) afirmam que “é no enfrentamento das dificuldades que as pessoas produzem um saber construtivo, formulando mecanismos de superação”. Pode-se observar nos relatos das entrevistadas F1, F4 e F5, que seus familiares deficientes (os estudantes) conseguiram, em momentos distintos da vida, superar adversidades distintas. Eles enfrentaram obstáculos como dificuldade para andar e outras impostas pelas suas condições para conseguirem “entrar” no curso que desejavam. Com isso, estão firmes no propósito de concluir, com êxito, mais uma etapa de suas vidas e de conseguir o tão sonhado diploma de graduação.

O acesso aos serviços de saúde está disposto no Art. 196 da Constituição Federal de 1988, como direito de todos os cidadãos e como dever do Estado, mas, mesmo com tal garantia declarada em Constituição, ela nem sempre se materializa em serviços de acesso fácil. Segundo Castro et al. (2011), as pessoas que possuem deficiência necessitam utilizar com mais frequência os serviços de saúde, em função de estarem mais expostas a comorbidades ligadas à sua deficiência, buscando assim preservar melhor a sua integridade.

As entrevistadas F2 e F5 relatam em suas falas o quanto foi árduo conseguir realizar o tratamento de saúde de seus filhos deficientes e, dentre as ideias centrais de seus discursos, estão as dificuldades de deslocamento, de meio de locomoção e de tempo de espera por atendimento. Com relação às dificuldades para se conseguir realizar o deslocamento até o serviço de saúde para realizar o tratamento, Travassos e Martins (2004) destacam que a acessibilidade geográfica pode reduzir ou aumentar as dificuldades de acesso aos serviços de saúde, tendo em vista que quanto maior for a distância a ser percorrida até o local do tratamento, mais difícil é a realização do mesmo.

Com relação ao meio de locomoção para a realização de consultas, a entrevistada F5 ressaltou que utilizava transporte da prefeitura para levar seu filho às consultas em Belo Horizonte, mas que, por vezes, embora as consultas fossem marcadas seis meses antes, ocorreu de não conseguir o referido transporte, tendo que contratar um serviço particular para levá-la e ao seu filho. Araújo et al. (2006) destacam a relevância da questão do transporte no contexto familiar, pois tais tipos de gasto podem se tornar uma barreira para o acesso ao serviço de saúde, uma vez que a família pode não ter como arcar com o transporte para tais deslocamentos.

Ainda no contexto de se conseguir acesso aos serviços de saúde, o ato da consulta foi citado pela entrevistada F5 e relacionado ao tempo de espera, que pode ser visto como um obstáculo nos atendimentos ambulatoriais, uma vez que as pessoas com algum tipo de deficiência podem ter exigências especiais de alimentação, descanso, higiene etc. (CASTRO et al., 2011).

A última discussão dentro da abrangência da palavra conseguir está relacionada ao apoio ofertado pela família ao estudante na busca pela sua permanência no contexto

educacional. Dessen e Polonia (2007) afirmam que a estrutura familiar impacta significativamente na permanência do indivíduo no âmbito educacional, tendo potencial para distanciar ou aproximar o indivíduo da evasão e da retenção escolar. As entrevistadas F3 e F5 destacam que, para conseguir apoiar e manter os filhos deficientes na esfera educacional, elas tiveram que conseguir tratamento psicológico para a superação de questões correlacionadas à deficiência e também tiveram que auxiliá-los na aprendizagem dos conteúdos dados em sala, o que, para Dessen e Polonia (2007), é uma estratégia que possibilita a família acompanhar as atividades desenvolvidas e que dá vantagens tanto para a escola quanto para a família.

4.2.4 A família

A família está presente em todas as sociedades e apresenta-se como sendo a origem, nas esferas sociais, do desenvolvimento inicial de todo indivíduo. Segundo Wagner et al. (1999), é na esfera da família que o indivíduo assimila como gerenciar e solucionar as divergências, bem como aprende a controlar seus sentimentos, a comunicar-se, a enfrentar as dificuldades e a reconhecer e aceitar as pluralidades. Tais aprendizados no âmbito familiar se reproduzem em outras esferas, entre elas, educacional.

De acordo com o conteúdo das entrevistas realizadas, foi possível perceber que a família dos estudantes deficientes é considerada a maior fonte de apoio para o desenvolvimento da pessoa com deficiência, pois procura sempre se adequar às mudanças necessárias para apoiar o acesso e a permanência desses sujeitos na universidade. Tais fatos podem ser observados nos trechos das entrevistas descritos abaixo:

Fonte de apoio

Então, como eu te disse, a família sempre esteve ligada, sempre teve muito ligada nela. Eu tenho muitos irmãos, nós somos família grande de muitos irmãos e muitos sobrinhos, então ela sempre foi rodeada de muito carinho (F1);

[...] e a família sempre deu total apoio. É o que eu te falei, ela sempre foi tratada como uma criança normal. tentamos dar tudo que uma criança normal pode ter, demos asas onde poderíamos deixar voar e foi isso, e é isso né! (F1);

[...] então, quando ele viu o resultado que ele tinha passado, que ele falou com as pessoas que tinha passado na UFV no curso que ele queria, a família toda comemorou com ele (F5);

[...] acho que ele já te falou que a minha família e a família do pai dele também [...] a gente teve muito apoio [...] a gente teve apoio demais deles para poder conseguir vencer (F5);

Eu não tive muitas dificuldades em criar ele porque, apesar da deficiência, ele sempre foi muito independente e a família sempre apoiou (F6);

Mudança na rotina familiar

[...] foi aí, então, que devido à criação, graças a Deus, pela persistência dela, nós fomos parar em Viçosa porque ela sempre soube o que quis. Então, foi isso e a família sempre dando apoio moral né! (F1);

Claro que teve muita mudança na nossa vida, nós tivemos que sair de Muriaé, sair do convívio da família, só nós duas saímos e fomos para a cidade universitária (F1);

[...] por ter que trabalhar e estudar, ele decidiu morar sozinho porque seria mais fácil, então não teve mudança na rotina da família a não ser a saída dele de casa (F6).

As entrevistas realizadas mostraram que as famílias dos estudantes deficientes se apresentaram, ao longo de suas vidas, como sendo uma fonte de apoio, em que eles encontraram e encontram aconchego, afeto, tratamento equânime, responsabilidade no cuidado, dentre outros. Entretanto, de acordo com Buscaglia (2006), nem todas as famílias e as experiências a elas relacionadas são boas e produtivas, como relatado nas entrevistas. O autor ora mencionado comenta que algumas vivências familiares podem ser traumáticas ou até mesmo desastrosas em determinados casos, uma vez que “as opiniões diferem no que se refere à eficácia e valor da família como um sistema social” (BUSCAGLIA, 2006, p. 77).

Na entrevista, a participante F1 relatou que sua filha possui uma deficiência física e que sempre contou com o apoio de sua família para criá-la. Relatou também que, no âmbito familiar, ela sempre foi tratada com muito carinho, mas que o fato de possuir uma deficiência não fez com que a família a tratasse de forma especial, sendo a mesma “tratada como uma criança normal” (F1). Esse posicionamento corrobora o modelo social, contrariando o modelo médico da deficiência que, desde sempre, contribuiu para que os deficientes fossem vistos como doentes, reconhecendo-os como pessoas

desamparadas, sem iniciativas, dependentes de cuidados e como pessoas não aptas ao trabalho e às atividades rotineiras, ou seja, considerando-os como inválidos (STIL, 1990 *apud* SASSAKI, 2002, p. 30).

Já no modelo social da deficiência, pode-se verificar que:

[...] as dificuldades estão mais voltadas para a sociedade, pois é ela que cria mais problemas para essas pessoas com necessidades quando não possibilita mudanças, incapacitando ou colocando em desvantagem esses indivíduos com relação aos outros tido como normais. É de responsabilidade de a sociedade extinguir as barreiras manifestadas de diversos tipos como atitudes e comportamentos discriminatório, barreiras físicas, para que assim as pessoas com necessidades especiais possam ter acesso a igualdade de serviços como também a lugares e informações necessárias que possibilitem ao seu bom desenvolvimento pessoal, físico, educacional e profissional (SILVA; DAMASIO; SANTANA, 2018, p. 8).

Como pode ser observado, o modelo social discursa de forma a mostrar que são as atitudes da sociedade que precisam ser alteradas para uma real aceitação das diferenças, sem que haja segregação. Assim, considerando que a família é a base da sociedade, torna-se necessário que, neste ambiente, inicie-se o processo de real aceitação.

Com relação à mudança na rotina familiar em função da inserção da pessoa deficiente no âmbito da universidade, os trechos acima apresentam duas situações diferentes para um mesmo contexto, pois a entrevistada F1 relata que teve que mudar toda a rotina familiar e até mesmo mudar de cidade para que a filha deficiente pudesse estudar, enquanto a entrevistada F6 relatou que não houve grandes mudanças na rotina de sua família com a entrada do filho na universidade, uma vez que ele é muito independente e decidiu morar sozinho na cidade de Viçosa para estudar e trabalhar. Diante das afirmativas das entrevistadas, pode-se inferir que o que separa esses dois contextos familiares distintos é o tipo de deficiência que os filhos apresentam, pois, no caso da entrevistada F1, sua filha depende de cadeiras de rodas para se locomover, uma vez que não possui os membros inferiores, o que a limita na realização de determinadas atividades, resultando na necessidade de maior apoio familiar. Já a entrevistada F6 possui um filho que apresenta deficiência auditiva, o qual, com a utilização de dispositivo eletrônico (aparelho auditivo), pode levar uma vida normal e independente.

4.2.5 A deficiência

Nas entrevistas, a deficiência foi tratada de forma a abordar alguns contextos, dentre eles, a relação de estabelecimento de um maior vínculo entre a entrevistada e a pessoa com deficiência, e detalhes das tipologias de deficiência, conforme exposto abaixo.

Estabelecimento de um maior vínculo com o deficiente

[...] nos momentos que podíamos estar juntas, sempre estivemos juntas e sempre resolvemos juntas as questões de escola. Eu estava sempre presente quando ela precisava [...] sempre tivemos bem próximas, então, eu sempre fui, digamos assim, aventureira, e ela sempre estava comigo nas minhas aventuras (F1);

[...], mas a gente está sempre junto, eu estou sempre aqui com ele. Eu não tenho vontade de sair de casa sem ele [...] por ele ser o oposto do outro filho, a gente conversa mais, eu tenho mais liberdade de falar com ele. Ele fala coisas comigo que o outro filho não se abre (F5);

Ele e eu temos um laço maior de afetividade, isso talvez tenha acontecido por ele ter essa deficiência auditiva e aí eu tentei ser mais próxima dele durante a vida (F6);

Com relação ao estabelecimento dos vínculos e sua intensidade entre os entrevistados e o filho, que é estudante deficiente, foi possível observar que, com exceção da entrevistada F4, que não é mãe biológica da pessoa com deficiência, as entrevistadas F2 e F3 citaram um vínculo menos intenso com o estudante deficiente, uma vez que elas possuem outro membro familiar (outro filho) com algum tipo de deficiência e que necessita de mais cuidados. Nos casos em que os vínculos estabelecidos apresentaram-se como mais intensos (F1, F5 e F6), é possível inferir que tais laços estão diretamente relacionados com o fato de que, nessas composições familiares, não há outro membro deficiente, o que faz com que a mãe se dedique de forma acentuada ao cuidado do filho deficiente. Segundo Sinason (1993), essa realidade produz divergências e situações adversas que, em geral, recaem sobre as mães, uma vez

que elas se transformam no apoio principal do lar no que se refere às questões de dever, obrigação e zelo.

Miltiades e Pruchno (2001) salientaram que, mesmo depois que os filhos deficientes ficam adultos, as mães ainda permanecem vivenciando situações de responsabilidade e cuidado com eles, o que as fazem assumir um papel vitalício de zeladora. Contudo, é preciso ter em mente que a deficiência nem sempre exige esse tipo de assistência vitalícia, cabendo aos membros da família, de acordo com as relações estabelecidas, definir os limites desse cuidado, permitindo assim que a pessoa com deficiência torne-se um cidadão que tenha a capacidade de exercer seu papel, exigir seus direitos e cumprir seus deveres perante a sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de inclusão da pessoa com deficiência é um combate vivenciado cotidianamente, que consiste no envolvimento da família e da sociedade, na perspectiva de lutar pelos reais direitos dessa inclusão. A família, como principal apoio do deficiente, é responsável por proporcionar as possibilidades de acesso e permanência desse indivíduo nas diferentes esferas da sociedade, dentre elas, a educacional, uma vez que o processo de educação de um indivíduo – seja ele deficiente ou não – é capaz de mudar a sua realidade.

Assim sendo, este estudo buscou examinar, por meio dos relatos da História Oral de vida, as percepções das famílias sobre a trajetória de vida de seus membros familiares deficientes, estudantes integrantes do ensino universitário, considerando a realidade vivenciada pela família no processo de desenvolvimento da pessoa com deficiência, desde o seu nascimento ou desde que tenha adquirido a deficiência até o presente momento, com ênfase no apoio dado para o acesso e a permanência do estudante deficiente no Ensino Superior.

De um modo geral, os resultados indicaram cinco categorias de análise que perpassam por essa trajetória, sendo elas: dificuldades, UFV, conseguir, família e deficiência. Foi possível verificar diversos desafios e dificuldades enfrentadas pela família na perspectiva de garantir que a pessoa com deficiência tivesse seus direitos

assegurados, dentre eles, o de tratamentos médicos para uma melhor qualidade de vida e de inserção no âmbito educacional. Nesse âmbito, foi determinante observar o quanto a família influenciou e influencia positivamente o deficiente em seu processo de inserção na universidade e o quanto o grupo familiar (neste trabalho representado pelas entrevistadas) apoia o estudante em sua permanência no Ensino Superior, bem como nas demais esferas da vida. Foi possível perceber, também, que as dificuldades estão na dependência do tipo de deficiência, sendo que as mais vivenciadas pela família para manutenção do deficiente na universidade estão associadas às questões de transporte, ou seja, de deslocamento de um setor para outro; além das questões financeiras, uma vez que determinadas deficiências exigem gastos expressivos, os quais a família nem sempre consegue suprir. A rede familiar se remete à UFV, expressando um sentimento de vitória, alegria e conquista, por haver proporcionado ao familiar uma possibilidade de crescimento e de independência.

Torna-se importante ressaltar que os desafios enfrentados pela família em relação às dificuldades/barreiras presentes no cotidiano da pessoa deficiente no âmbito do Ensino Superior são uma temática muito vasta, fazendo com que seja necessário o aprofundamento dos debates, na busca por maior compreensão das intervenções necessárias. Assim, será possível contribuir, cada vez mais, para a qualidade de vida e para a evolução do deficiente na sociedade.

REFERÊNCIAS

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro, p. 105. 2004.

ALVES, M. C. S. O. A importância da história oral como metodologia de pesquisa. In: **IV Semana de História do Pontal e III Encontro de Ensino de História**, Ituiutaba – MG, p. 1-9, 2016. Disponível em: <http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/mariacristinasantosdeoliveiraalves.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2020.

ANDRÉ, E. L., BARBOZA, R. J. A importância da parceria entre a família e a escola para a formação e desenvolvimento do indivíduo. **Revista Científica Eletrônica da Pedagogia**, Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral de Garça – FAEF. Ano XVII, n. 30, 2018.

ARAÚJO, A. R.; MOURÃO, T. F. (Orgs.). **Trabalho de mulher: mitos, riscos e transformações**. São Paulo: LTr, 2007.

ARAÚJO, S. S. C.; FREIRE, D. B. L.; PADILHA, D. M. P.; BALDISSEROTTO, J. Suporte social, promoção de saúde e saúde bucal na população idosa no Brasil. **Interface**, Botucatu, vol. 10 n. 19, p. 203-216, 2006.

AURÉLIO, **Minidicionário da língua portuguesa**. 4a edição revista e ampliada do minidicionário Aurélio. 7a impressão – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BARBERÁ, A.; CARNEIRO, G. S.; OLIVEIRA, H. S. M.; GARCIA, L. O.; QUEIROZ, M. M. A. **A Centralidade da família na articulação das políticas sociais: Assistência Social, Saúde e Educação**. 2007, 79f. Trabalho de Conclusão de Curso (Serviço Social), Faculdades Integradas Antônio Eufrásio de Toledo, Presidente Prudente/SP, 2007.

BARBOSA, M. A. M.; BALIEIRO, M. M. F. G.; PETTENGILL, M. A. M. Cuidado centrado na família no contexto da criança com deficiência e sua família: uma análise reflexiva. **Texto contexto - Enferm.**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 194-199, 2012.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOLÍVAR, A. Equidad educativa y teorías de la justicia. REICE. **Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación**, vol. 3, n. 2, p. 42-69, 2005.

BOSI, E. **Memória e Sociedade** – lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BRAGA, S. M. R. Educação Especial: As Dificuldades Encontradas no Ambiente Escolar para a Inclusão. **Só Pedagogia**. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2012. Disponível em: <http://www.pedagogia.com.br/artigos/asdificuldaesdainclusao/?pagina=0>. Acesso em: 06 de jan. 2021.

BUSCAGLIA, L. **Os deficientes e seus pais**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, dez. 2013.

CASTRO, S. S.; LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C.; CESAR, C. L. G. Acessibilidade aos serviços de saúde por pessoas com deficiência. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 45, n.1, p. 99-105, 2011.

CASTRO, E. K.; PICCININI, C. A. A experiência da maternidade de mães de crianças com e sem doença crônica no segundo ano de vida. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 1, 89-99, 2004.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. Ribeirão Preto: **Paidéia**. Vol. 17. n. 36, 2007.

FERNANDES, J. S.; SANTOS, C. S. **Um Passeio na literatura sobre evasão e ações afirmativas no Ensino Superior**. Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2016. Disponível em: <http://www.equidade.faced.ufba.br/um-passeio-na-literatura-sobre-evasao-e-acoes-afirmativas-no-ensino-superior-0>. Acesso em: 06 jan. 2021.

FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. **Investigação em Educação Matemática: percursos teóricos e metodológicos**. 3ª Edição Revisada. Campinas: Autores Associados, p. 193-206, 2009.

FREITAS, S. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas; I.O.E., 143 p., 2002.

FURTADO, F. M.; IRINEU, F. R.; NETO, P. A. S.; LUZ, M. S. O ensino à distância para portadores de necessidades especiais. In: **XII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VIII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação**. Universidade do Vale do Paraíba, 2008.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, vol. 35, n. 4, p. 65-71, 1995.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

GUERRA, C. S.; DIAS, M. D.; FILHA, M. O. F.; ANDRADE, F. B.; REICHERT, A. P. S.; ARAÚJO, V. S. Do sonho a realidade: vivência de mães de filhos com deficiência. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 459-466, 2015.

LASCH, C. **Refúgio num mundo sem coração: a família: santuário ou instituição sitiada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LAZZARETTI, B.; FREITAS, A. S. Família e escola: o processo de inclusão escolar de crianças com deficiência. **Cadernos Intersaberes**, vol. 5, n. 6, p. 1-13, 2016.

MANTOAN, M. T. E. **A Integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon, 1997.

MASCARENHAS, S. A. N.; ROAZZI, A. Relações família-universidade, rendimento acadêmico e gênero no Ensino Superior brasileiro. In: **XIII Congresso Internacional G-P de Psicopedagogia**. Revista de Estudos e Investigação em Psicologia e Educação, p. 79-82, 2015.

MASCARENHAS, S.; GUTIERREZ, D. M. D. Relações família-universidade no contexto amazônico. In: **II Congresso Luso-Brasileiro de Psicologia da Saúde e I Congresso Ibero-Americano de Psicologia da Saúde**. São Paulo: UNIMEP, 2011.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 78 p., 1996.

MILTIADES, H. B.; PRUCHNO, R. Mothers of Adults with Developmental Disability: Change over Time. **American Journal of Mental Retardation**, vol. 106, n. 6, p. 548-561, 2001.

MIOTO, R. C. T. Família e Serviço Social: contribuições para o debate. In: **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 55, p. 114-130, 1997.

NOGUEIRA, M. A. **Família e escola**: Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

PEREIRA, J. A.; SARAIVA, J. M. Trajetória histórico social da população deficiente: da exclusão a inclusão social. **SER Social**, v. 19, n. 40, p. 168-185, 2017.

PRADO, A. F. A. Família e Deficiência. In: Cervený, C. M. O. (Org.). **Família e... comunicação, divórcio, mudança, resiliência, deficiência, lei, bioética, doença, religião e drogadição**. São Paulo, Casa do Psicólogo, p. 85-98, 2005.

RAVAGNOLI, N. A entrevista narrativa como instrumento na investigação de fenômenos sociais na Linguística Aplicada. **The Specialist** [online], vol. 39, n. 3, 2018.

SADALLA, A.; ARANTES, F.; CARPEGIANI, F.; SOUZA, R. MILANELLO, T. S. **Diversidade, equidade e inclusão na escola**. Cartilha do Projeto Faz Sentido, 2018. Disponível em: https://fazsentido.org.br/wp-content/uploads/2018/12/ESTUDO_DIVERSIDADES_rev.pdf. Acesso em: 06 de jan. 2021.

SANTOS, A. C. A.; OLIVEIRA, V. M. S. **A família como elemento para a inclusão social do deficiente**. **Revista: Ideias e Inovação**, Aracajú. V. 2, n. 2, p.47-58, 2015.

SARTI, C. A. A família como ordem simbólica. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 15, n. 3, p.11-28, 2004.

SASSAKI, K. R. **Inclusão Construindo uma sociedade para todos**. 4 ed: WVA. Rio de Janeiro, 2002.

SILVA, A M. **Educação especial e inclusão escolar: história e fundamentos**. Curitiba: Ibpex, 2010.

SILVA, A. B.; DAMASIO, C. R.; SANTANA, L. S. Os desafios enfrentados pelas mães de crianças com necessidades especiais e a idealização do filho perfeito: vivências no CERVAC. **O Portal dos Psicólogos** [Internet], 2018. Disponível em: http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?os-desafios-enfrentados-pelas-maes-de-criancas-com-necessidades-especiais-ea-idealizacao-do-filho-perfeito-vivencias-nocervac&codigo=A1181. Acesso em: 11 jan. 2021.

SILVA, A. M.; MENDES, E. G. Família de crianças com deficiências e profissionais: componentes da parceria colaborativa na escola. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 14 n. 2. Marília, 2008.

SINASON, V. **Compreendendo seu Filho Deficiente**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993.

SURVEYGIZMO. **Using Word Clouds To Present Your Qualitative Data**. Sandy McKee. Disponível em: <https://www.surveygizmo.com/survey-blog/what-you-need-to-know-when-using-word-clouds-to-present-your-qualitative-data>. Acessado em: 30 de dez de 2020.

TRAVASSOS, C.; MARTINS, M. Uma revisão sobre os conceitos de acesso e utilização de serviços de saúde. **Cad Saude Publica**, vol. 20 (Suppl 2) p. 190-198, 2004.

UFV. Universidade Federal de Viçosa. **UFV em Números**. 2021. Disponível em: http://www.ppo.ufv.br/wp-content/uploads/2020/10/UFV-EM-N%C3%9AMEROS-2020-CURVAS_CORRIGIDO.pdf. Acesso em: 09 jan. 2021.

WAGNER, A.; RIBEIRO, L. S.; ARTECHE, A. X.; BORNHOLDT, E. A. Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol. 12, n.1, p. 147-156, 1999.

HISTÓRICO

Submetido: 17 de Ago de 2022.

Aprovado: 03 de Nov de 2022.

Publicado: 07 de Dez de 2022.

COMO CITAR O ARTIGO - ABNT:

Castro, L. G. Percepções da rede familiar sobre a trajetória de vida do estudante deficiente do ensino superior. **Revista Linguagem, Educação e Sociedade - LES**, v. 26, n. 51, eISSN: 2526-9062, 2022.

